TECNOLOGIA, COMUNICAÇÃO E CRIAÇÃO COMO ALICERCE PARA A AUTONOMIA DO ALUNO NUMA PROPOSTA DE AUTOAVALIAÇÃO

Valéria Sperduti Lima (UNIFESP/SP - vslima@unifesp.br)
Marcelo de Paiva Guimarães (UNIFESP/SP - marcelo.paiva@unifesp.br)
João Vicente Cegato Bertomeu (UNIFESP/SP – jvcbertomeu@unifesp.br)

Grupo Temático 3. *O Estudante da EaD em foco*
Subgrupo 3.4. *Autonomia, identidade e coletividade na aprendizagem virtual*

Resumo:
A avaliação é discutida numa perspectiva participativa, a fim de apoiar a construção da autonomia de aprendizagem do aluno. Nesta concepção considera-se a semiótica, a criação e a comunicação como integrantes do processo de compreensão e construção das ideias e significados. Principalmente, defrontando-se com a realidade da sociedade globalizada. A autoavaliação é discutida no artigo como estratégia educacional eficiente. Para tanto, é contextualizada com um estudo de caso desenvolvido com alunos de graduação, discutido posteriormente por professores participantes de um fórum de trabalho do SIED EnPed de 2013. As conclusões apontam para a autoavaliação como potencializadora de novas dimensões perceptivas da aprendizagem do aluno e, principalmente, como apoio ao desenvolvimento de sua autonomia formativa.
Palavras-chave*: avaliação, autoavaliação, autonomia, aluno virtual.*

Abstract:
The evaluation was presented in this article with an approach participatory in order to support the construction of the autonomy of student learning. The Semiotics, the creation and communication were considered as part of the understanding process and construction of ideas and meanings. Especially, when we refer to reality of a globalized society. Self-evaluation was discussed in this article as efficient educational strategy. Therefore, it is contextualized with a case study developed with undergraduates, and subsequently was discussed by teachers who attended in a forum of work SIED EnPed 2013. The conclusions pointed to the self-assessment as potentiator of new perceptual dimensions of student learning, and especially to the development of its educational autonomy.
Keywords*: assessment, self-assessment, autonomy, virtual student.*

1. Introdução

A avaliação é um elemento de transformação na educação e de apoio à construção da autonomia do aluno. Do ponto de vista de Tyler (1974 apud Martins: 2010, p. 20), a avaliação se desenvolve concomitantemente ao processo de ensino e aprendizagem, visando detectar até que ponto os objetivos de aprendizagem estão sendo alcançados pelas ações desenvolvidas. Deste modo, fornece informações importantes para o aperfeiçoamento da qualidade do processo educacional do aluno.

Na concepção de Sant`Anna, "a avaliação é um processo pelo qual se procura identificar, aferir, investigar e analisar as modificações de comportamento e rendimento do aluno, do educador, do sistema, confirmando se a construção do conhecimento se processou, se ele é teórico (mental) ou prático". (Sant`Anna: 1995, p.31)

Teorias educacionais defendem o aluno como sujeito da avaliação e o objeto os processos de ensino e aprendizagem. Zabala (1998) amplia esta visão considerando como objeto o desenvolvimento de todas as capacidades da pessoa e não apenas as cognitivas.

Este artigo baseia-se em tais concepções para o desenvolvimento de uma proposta de avaliação na qual o aluno é participativo do seu processo avaliativo, enquanto reflete sobre a construção de signos nas aprendizagens, e se autoavalia em dimensões diferenciadas e relacionadas aos objetivos de aprendizagem, a colaboração com os colegas e as aprendizagens pessoais.

Também, apoia-se na visão de Svinicki e McKeachie (2012) a respeito da autoavaliação e da avaliação pelos colegas como elementos para o desenvolvimento de habilidades de aprendizagem que duram a vida toda. Os autores defendem a avaliação como experiência de aprendizagem, pois "no decorrer de um curso, ela comunica os seus objetivos para os alunos de modo que estes possam aprender de maneira mais eficaz; identifica equívocos, o que ajuda o professor a ensinar melhor; é importante para determinar o ritmo de desenvolvimento do curso; e ajuda a realizar um bom trabalho no momento de atribuição das notas" (*ibid*, p.78).

A partir das relações construídas anteriormente para a concepção de autoavaliação defendida neste artigo, considera-se quatro abordagens complementares, desenvolvidas nos próximos itens. Inicialmente, será discutido "O conhecimento, a semiose e a escola" buscando-se elementos que possam apoiar a ideia de que a integração das tecnologias de informação e de comunicação (TIC) na vida cotidiana e na escola contribui significativamente para mudanças na prática de ensinar e aprender.

O segundo item "Uma proposta de autoavaliação para alunos de licenciatura" apresenta um estudo de caso desenvolvido numa disciplina semipresencial de graduação ofertada no ano de 2011, para alunos de uma determinada instituição de ensino superior, descrevendo-se as estratégias didáticas desenvolvidas, e a análise dos resultados da autoavaliação dos alunos, por meio do método de análise de conteúdo (Chizzotti: 2010).

O terceiro item "A discussão ampliada sobre o tema autoavaliação" apresenta uma pesquisa exploratória (Deslandes: 2012) sobre os elementos destacados pelos participantes do fórum virtual "A autoavaliação constrói a autonomia do aluno?", referente às potencialidades, limitações e necessidades didáticas para o desenvolvimento de uma proposta de autoavaliação favorável à autonomia do aluno.

Por fim, a Conclusão apresenta as considerações finais sobre o artigo e novos questionamentos sobre o tema.

2. O conhecimento, a semiose e a escola

Como se dá o conhecimento hoje? Quais aspectos podem diferenciá-lo na sua construção comparado a outras épocas? O amplo acesso à informação e ao potencial de comunicação que vivenciamos na sociedade atual tem implicações nos processos de criação e de conhecimento. A rede de significados e de sentidos que estabelecemos para a definição

de um objeto (Lima et all: 2012), representada a seguir (Figura 1), pode acontecer considerando novas possibilidades na era digital.

Figura 1. Rede de dos significados de um objeto.
Fonte: autoria própria.

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) potencializam outros níveis de associação entre elementos da linguagem, como: som, imagem, movimento e texto, utilizados pelo homem na comunicação para a definição de um objeto. Fruto da relação mais próxima estabelecida entre o real e o virtual, e os conceitos concretos e abstratos. Tais associações são condicionadas por diferentes possibilidades de representação dos signos através de novas abordagens comunicativas vinculadas às TIC.

A transitoriedade da informação pode afetar a definição que o indivíduo estabelece sobre um objeto, potencializando o constante estado de atualização do conhecimento. O sentido de cada objeto se desenvolve a partir das relações momentâneas e específicas, vivenciadas no atrito entre as redes pessoais de significado e aquelas desenvolvidas por outras pessoas. Deste modo, a autonomia na construção do conhecimento e sua manutenção ou transitoriedade adquire uma nova dimensão na sociedade atual.

Lévy (2010) contribui com esta abordagem quando defende a velocidade de aprendizagem imposta pela tecnologia, o favorecimento de novas formas de acesso à informação, novos estilos de raciocínio e conhecimento, novos modelos de espaço de conhecimento associados a novos modos de aprender, e, por fim, a construção da "inteligência coletiva", permitindo que as informações sejam partilhadas por um grande número de sujeitos.

Voltando-se às relações de signo, significado e comunicação, como compreendê-las à luz da semiose? O conceito de semiose (Salles, 2009) descreve a construção de signos e significados como movimento de associação de elementos, falível e com tendência vaga, sustentada pela lógica da incerteza, englobando a intervenção do acaso e abrindo espaço para o mecanismo de raciocínio responsável pela introdução de novas ideias. Um processo em que a regressão e a progressão são infinitas.

Para Colapietro (1989) e Machado (1999) a natureza da semiose é a comunicação. Ransdell (1977) acrescenta o fato de que a produção de signos envolve a interpretação

destes por meio do pensamento dialógico, tanto internamente (em nosso próprio pensamento) como externamente (entre duas ou mais pessoas). Colapietro (idem), afirma que estamos continuamente integrando nossos significados e aqueles de outros indivíduos, numa rede de relações chamada rede semiótica. Pode-se assim destacar a contribuição da semiótica, da criação e da comunicação no processo de compreensão e construção de novas ideias e novos significados.

Mas, como a escola se insere nas relações de signo, de comunicação e de construção do conhecimento? A busca do indivíduo nesta transformação de significados em direção ao novo, evidencia o papel do professor como mediador e ressalta a construção dos novos significados como processo efetivo de construção de conhecimento.

Vigotsky (2003) destaca que os signos regulam a ação do psiquismo do homem. Segundo o autor, o processo de mediação, por meio dos signos, é fundamental para o desenvolvimento da relação entre o pensamento e a linguagem. Bakthin (1995) enfatiza a importância da ideologia no signo, definido por meio dos critérios de valor estabelecidos nas interações sociais. O signo é a materialização da comunicação social, e é nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos. "Sendo a linguagem ideológica e sendo ela a mediação do homem com o mundo, cabe ao professor realizar um trabalho que evidencie esse caráter ideológico presente nos signos" (Zuin e Reyes: 2010, p. 61).

O conceito de dialogia de Paulo Freire destaca a busca do professor em desvendar junto e com os alunos o caráter ideológico presente nos signos. Zuin e Reyes (2010, p. 62), destacam: "Por meio do diálogo é possível que educador e educandos compreendam um ao outro, bem como sua relação com o mundo, sua inserção no mundo. Nessa perspectiva, a compreensão do outro considera o pressuposto de que cada sujeito possui um contexto, vivências e saberes que lhe são próprios e que o constituem como homem no mundo e com o mundo".

A educação é fundamental na valoração dos significados socialmente negociados e acordados, apoiando o indivíduo e o grupo "na busca do delicado equilíbrio entre a conservação do que julga valioso e a transformação em direção ao novo" (Machado:1996, p.21).

3. Estudo de caso: uma proposta de autoavaliação para alunos de licenciatura

Esta proposta de autoavaliação foi desenvolvida no segundo semestre de 2011, na disciplina eletiva “Projetos Colaborativos de Aprendizagem Integrados às Tecnologias de Informação e Comunicação”, ofertada na modalidade semipresencial aos alunos de licenciatura de uma instituição de ensino superior.

A metodologia utilizada na disciplina visou integrar a avaliação à prática cotidiana das aulas, de modo a incorporar as ações do aluno com os colegas, bem como, as reflexões individuais sobre suas aprendizagens.

A contextualização desta prática destaca os seguintes cenários representativos das etapas de desenvolvimento da disciplina com o aluno:

1. Os objetivos da disciplina para a formação do aluno.
2. Os signos do objeto para o indivíduo.
3. Os signos do objeto desenvolvidos no coletivo.
4. A autoavaliação do aluno.
5. Avaliação da disciplina pelo aluno.

6. Os resultados da aprendizagem do aluno.

3.1. Os objetivos da disciplina para a formação do aluno

Na primeira aula desta disciplina teve-se como enfoque a compreensão dos objetivos de aprendizagem propostos na disciplina, a significação destes objetivos para o processo formativo do aluno no curso e a dinâmica das aulas.

Os alunos apresentaram suas expectativas iniciais de aprendizagem, discutiram as relações da disciplina para a sua formação no curso e propuseram adequações à proposta, a luz dos objetivos de aprendizagem da disciplina. Foram revisados autores, inseridas ações práticas e necessidades teóricas propostas pelos alunos, bem como, revisado o cronograma das aulas. As adequações foram negociadas com o grupo e, por fim, definido o contrato de aula.

A prática apresentada neste cenário retrata o primeiro momento na construção dos significados mais abrangentes da disciplina para o aluno e de um comportamento de coparticipação e corresponsabilidade entre professor-alunos, aluno-alunos.

3.2. Os signos do objeto para o indivíduo

Este segundo cenário representa um dos momentos da prática reflexiva do aluno a cada unidade temática. O principal propósito desta atividade foi apoiar o aluno a reconhecer a rede de relações de signos que habitualmente utiliza para compreender e significar um conhecimento.

Na tabela abaixo (Tabela 1), destacamos a atividade proposta ao aluno.

Tabela 1 – Atividade individual: o reconhecimento dos signos do aluno para a compreensão de um objeto.

Prezad@ estudante *Antes de iniciar os trabalhos na disciplina, reflita sobre o tema Projeto, considerando as seguintes questões:* • *Como você define a palavra Projeto?* • *Apresente ao menos três (03) outras palavras que associa ao termo.* • *Apresente outras duas associações que realiza na reflexão sobre Projeto, abordando as possibilidades de relações de significado que realiza mentalmente (Ex: lembrança alguma situação vivenciada, imagem, gráfico, letra de música, filme ...).* *Desenvolva um texto que compreenda estes questionamentos como primeira autorreflexão sobre o seu processo de aprendizagem.*

Fonte: Orientação publicada na ferramenta diário do ambiente virtual de aprendizagem da disciplina desenvolvida pela professora Valéria S Lima.

Cada aluno realizou uma reflexão sobre o tema central da disciplina - projeto, considerando palavras que associava ao termo e outras possibilidades de relações de significado que realizava mentalmente (Ex: lembrança alguma situação vivenciada, imagem,

gráfico, letra de música, filme, etc.), antes mesmo das discussões gerais do tema na disciplina, como alicerce à construção de um conceito com os colegas.

3.3. Os signos do objeto desenvolvidos no coletivo

O segundo passo da conceituação com os alunos sobre um determinado objeto é a negociação dos significados com os colegas. A tabela seguinte (Tabela 2) apresenta um exemplo de atividade coletiva com este enfoque, desenvolvida na ferramenta wiki para edição colaborativa dos integrantes do grupo e acompanhamento da produção por todos os alunos da disciplina.

Tabela 2 – Atividade coletiva: Aprendizagem apoiada pelos colegas

Cada grupo deve navegar nas atividades realizadas pelos colegas, no "Mural de trabalhos dos grupos" e no "Fórum (Aula 7)" e discutir com os integrantes do seu grupo sobre a contribuição destas mensagens e textos para a aprendizagem do seu grupo. A seguir, o grupo deve publicar suas reflexões neste mesmo Mural. Questões de apoio para as discussões de cada grupo: - Quais as contribuições mais valiosas dos colegas e porque são valiosas para as discussões e construções na disciplina? - O que acrescentam para a construção das aprendizagens dos diferentes temas abordados na disciplina?

Fonte: Orientações publicadas na ferramenta wiki (Mural de Trabalhos dos grupos) do ambiente virtual de aprendizagem da disciplina desenvolvida pela professora Valéria S Lima.

Esta atividade conduziu os alunos integrantes de um determinado grupo a conhecer os trabalhos dos demais grupos e refletir sobre as contribuições dos colegas para uma compreensão dos conhecimentos em discussão, numa dimensão mais ampla do que aquelas desenvolvidas no seu grupo específico.

3.4. A autoavaliação do aluno

Este cenário representa os momentos de reflexão e avaliação do aluno a cada unidade temática, sobre sua dedicação aos estudos, comportamentos e participação nas atividades coletivas e aprendizagens pessoais (Tabela 3).

Tabela 3 – Atividade de autoavaliação

Prezad@ estudante Utilize este espaço, a cada encerramento de unidade temática, para avaliar o seu processo de construção das aprendizagens na disciplina. Considere as pontuações e critérios para esta avaliação: 0-20 pontos: referente à sua dedicação aos estudos nesta unidade 1- leitura do material; 2- realização das atividades. 0-30 pontos: colaboração com os colegas na composição da atividade coletiva

1- Contribuição com material de apoio para a realização da atividade proposta; 2- Questionamentos e sugestões; 3- Participação na redação do material coletivo. 0-50 pontos: aprendizagem pessoal sobre os temas abordados na unidade (compreensão dos textos; compreensão das associações de significado realizadas nas aulas; desempenho no desenvolvimento das atividades da unidade). ** Somente na Aula 15 inclua a percepção da trajetória pessoal na construção das aprendizagens desenvolvidas na unidade. Envie um documento com a nota geral e a argumentação sobre a avaliação pessoal parcial nestes critérios.

Fonte: Orientações publicadas na ferramenta tarefa do ambiente virtual de aprendizagem da disciplina desenvolvida pela professora Valéria S Lima.

O principal objetivo da autoavaliação foi apoiar o aluno na percepção da trajetória pessoal e valoração às suas ações na disciplina, buscando uma ponte entre seus interesses formativos e os objetivos da disciplina.

3.5. Avaliação da disciplina pelo aluno

Esta é a última atividade realizada pelos alunos na disciplina e baseia-se na proposta de Pallof & Pratt (2004) referente à redação de uma carta aos próximos colegas da disciplina. O enfoque principal da atividade foi realizar uma reflexão final sobre as aprendizagens construídas, as dificuldades e superações destas no contexto geral da disciplina (Tabela 4).

Tabela 4 – Carta aos próximos colegas da disciplina

Redija uma carta aos próximos colegas considerando a seguinte estrutura: • O que você sabe agora, mas gostaria de ter sabido desde o início da disciplina? • A coisa mais importante a fazer para manter-se tranquilo na disciplina. • Os erros mais comuns que você cometeu e viu seus colegas cometerem. • Qualquer conselho que você dá para que os novos alunos tenham sucesso.

Fonte: Orientações publicadas na ferramenta fórum do ambiente virtual de aprendizagem da disciplina desenvolvida pela professora Valéria S Lima.

Há uma ludicidade nesta proposta, e a possibilidade de expressar-se de modo mais informal e discursivo. O que pode facilitar ao aluno a associação entre comportamentos, atitudes e conceitos em construção.

3.6. Os resultados da aprendizagem do aluno

A análise da autoavaliação realizada pelos alunos são apresentados a seguir, como aspecto fundamental para o entendimento do processo de aprendizagem do aluno, considerando dois aspectos:

1. A média geral dos alunos a cada Unidade temática;
2. A avaliação dos alunos por categoria.

A média geral dos alunos a cada Unidade temática está representada no gráfico a seguir (Gráfico 1), sendo utilizada a somatória de todas as notas dos alunos, para este cálculo da média.

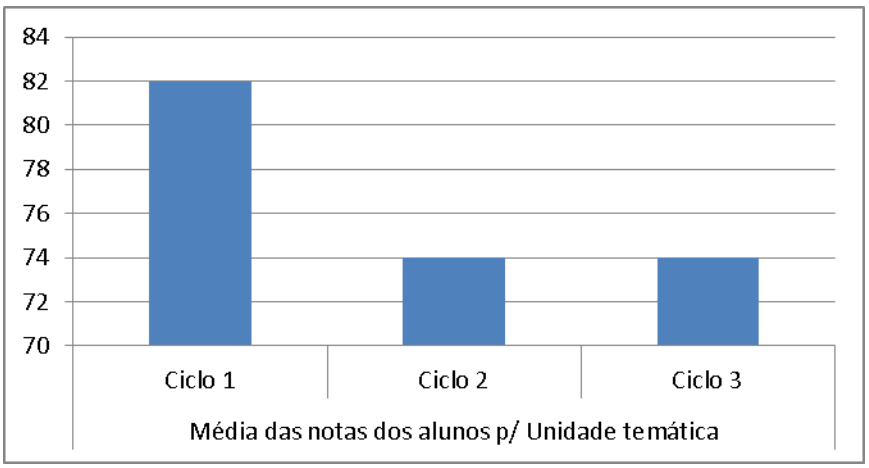

Gráfico 1 – Média geral dos alunos a cada Unidade de temática.
Fonte: autoria própria.

Houve uma redução na nota do conjunto de alunos no decorrer das autoavaliações a cada Unidade temática. A interpretação deste fato, associando as notas com uma análise das produções textuais dos alunos na autoavaliação, relaciona-se à compreensão desta atividade como elemento de reflexão do processo de aprendizagem pessoal. O aluno tornou-se mais criterioso com a sua avaliação de desempenho. Um exemplo desta afirmação está representado a seguir, com a autoavaliação do "aluno X", nas três unidades temáticas consecutivas (Tabelas 5).

Tabela 5 – Atividade de autoavaliação do aluno X.

ALUNO X – Unidade Temática 1 ... Quanto a minha participação acredito ter sido satisfatória, na medida em que consegui estabelecer as devidas pontes de sentido, pude intervir de alguma forma e participar das interações em sala de aula, eis aí o uso dos conceitos desenvolvidos. Relato aqui uma dificuldade pessoal que não sei se vem ao caso ou pode parecer demagógico, mas o acesso ao moodle e internet em função de um sério dano ao aparelho que possuo e tempo hábil para me debruçar sobre os textos me preocupou de certa forma. Ressalto que o material de aula, aliado à coletividade que foi se desenvolvendo na metodologia contemplou significativamente as abordagens dos textos e possibilitou fluidez ao processo. NOTA GERAL - 80,00
ALUNO X – Unidade Temática 2 No decorrer das atividades da segunda unidade temática ressalto a pertinência de uma discussão muito produtiva a respeito do sentido e finalidade de uma metodologia de ensino que se apoie no trabalho por meio de projetos. O exercício coletivo da construção de sentido do tema auxiliou na compreensão da complexidade do assunto, pois como vimos no texto de Nilson José Machado a

solidez do tema contempla os diferentes aspectos, chamados por ele de valores que contemplam as dimensões de cidadania, profissionalismo, tolerância, integridade, equilíbrio, pessoalidade compondo assim uma maneira de trabalho onde se exercita integralmente as potencialidades dos sujeitos. A análise de temas como interatividade, tendências da era tecnológica na cibercultura e o reflexo dessas realidades no ambiente escolar possibilitaram um exercício crítico de reflexão da escola, enquanto matriz de reprodução cultural na sociedade, e a vulnerabilidade da escola em relação aos fatores que regem a vida social, economia, consumo, desenvolvimento e o desafio didático de encontrar caminhos que favoreçam o processo de aprendizagem. Quanto aos aspectos pessoais da autoavaliação ressalto que pude ter um contato significativo com os materiais e assimilei as principais referências teóricas dos autores abordados. **NOTA: 10+10+50 = 70**
ALUNO X – Unidade Temática 3 Esta terceira unidade temática foi marcada por um aprofundamento teórico, e por uma estratégia que priorizou a interação coletiva e ampliação da discussão sobre a colaboração, onde tive um especial interesse pelas análises. O cenário educacional atual é marcado por sérias mudanças que afrontam inclusive a escola a ponto de alguns autores falarem em uma desescolarização da sociedade, e cada vez mais se fala nas tendências de um aprendizado não formal. As possibilidades que o desenvolvimento tecnológico oferece à escola gera novas soluções e novos problemas para a educação. Os modelos de plataformas de EAD, e a EAD em si são alvo de elogios e críticas, pois são novos elementos em novos cenários para novos agentes educacionais. Cabe ressaltar que cada vez mais a educação formal precisa incorporar muito mais profundamente todas as possibilidades dos novos ambientes, onde possa se desenvolver o processo de ensino-aprendizagem e o que deve estar priorizado é o aluno, como ressaltaria uma abordagem Freireana. Sua relação de construção e tomada de posse do conhecimento em uma educação ativa e transfiguradora. **NOTA: 15+10+35 = 60**

Fonte: autoria própria.

Observa-se no texto do aluno, a composição da autoavaliação, a partir dos critérios de análise pré-definidos, com a reflexão pessoal sobre o desenvolvimento e as aprendizagens desenvolvidas na Unidade temática.

A outra análise realizada sobre a autoavaliação dos alunos se referiu às notas em cada categoria avaliativa, apresentadas a seguir: a dedicação ao estudo, a colaboração e a aprendizagem pessoal dos conceitos em construção (Gráfico 2).

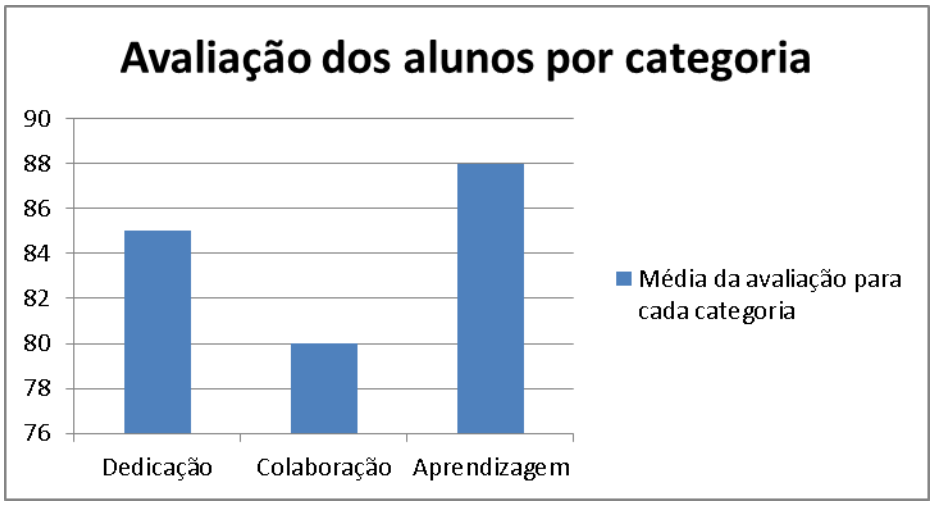

Gráfico 2 – Análise das notas dos alunos em cada categoria da autoavaliação.
Fonte: autoria própria.

Os alunos, em geral, avaliaram a dedicação aos estudos e a colaboração com notas mais baixas do que as consideradas para a aprendizagem conceitual ao longo da disciplina. Acredita-se que há necessidade de aprofundamento maior nos estudos teóricos e nas práticas com enfoque a estes componentes do processo de aprendizagem do aluno, de modo que as estratégias didáticas propostas pelo professor possam apoiar o desenvolvimento no aluno de uma postura coparticipante e corresponsável pelas aprendizagens na disciplina. A categoria colaboração foi aquela com nota mais baixa e acredita-se que um dos motivos seja a falta de uso de estratégias colaborativas de aprendizagem nas propostas didáticas dos cursos de graduação. Deste modo, o aluno tem dificuldade de se comportar de modo colaborativo na realização de atividades em grupo.

4. A discussão ampliada sobre o tema autoavaliação

A experiência de autoavaliação relatada no item anterior foi objeto de discussão num dos fóruns virtuais desenvolvidos pelos autores deste artigo no Simpósio Internacional de Educação a Distância - SIED 2012.

As discussões sobre o tema, realizadas neste fórum com estudantes e professores de ensino superior, foram agrupadas e analisadas por meio da tipologia de pesquisa exploratória (GIL, 1999). Esta metodologia de pesquisa foi utilizada para a análise, na medida em que se consubstancia como pesquisa preliminar, e primeira familiarização com o fenômeno observado, com vistas a uma visão mais ampla do tema em questão.

Para tanto, considerou-se todas as mensagens publicadas pelos participantes no fórum, totalizando 53 comentários. A análise valorizou três enfoques para o agrupamento das mensagens:

Enfoque 1 - Potencialidades do uso da autoavaliação para os processos de ensino e aprendizagem;

Enfoque 2 - Limitações ou dificuldades no uso da autoavaliação como estratégia educacional; e

Enfoque 3 - Necessidades didáticas associadas ao uso da autoavaliação como estratégia educacional.

A seguir, são apresentadas as considerações sobre cada um destes enfoques.

Enfoque 1 - Potencialidades do uso da autoavaliação para os processos de ensino e aprendizagem:

- Conduzir o aluno à percepção das suas responsabilidades na construção do aprendizado.
- Possibilitar que o aluno avalie com mais autonomia os seus avanços e dificuldades.
- Potencializar ao aluno à valorização de si mesmo, a partir da percepção do seu processo pessoal.
- Apoiar o aluno a tornar-se mais reflexivo e crítico, o que irá exigir mais do professor na preparação e condução das aulas.
- Viabilizar a construção pelo estudante do sentimento de pertencimento ao grupo da disciplina.
- Valorizar os saberes do aluno.

- Dar autoridade ao aluno, a respeito da valoração dos seus saberes, associada à construção da corresponsabilidade com seu processo de aprendizagem.

Enfoque 2 - Limitações ou dificuldades no uso da autoavaliação como estratégia educacional:

- Pode ser ineficiente, se usada como único critério de avaliação, segundo a maioria dos relatos dos participantes.
- Falta de prioridades sobre o desenvolvimento de práticas condutoras da autonomia do indivíduo pelo próprio sistema educacional.
- O desenvolvimento da prática da autoavaliação e da autonomia do aluno na educação básica pode acontecer, mas o educador terá um trabalho árduo nesse período de transição e adaptação aos objetivos de aprendizagem com o aluno daquela série, pensando-se nos critérios de análise adequados e que ajudariam o aluno a construir a sua compreensão das aprendizagens.

Enfoque 3 - Necessidades didáticas associadas ao uso da autoavaliação como estratégia educacional:

- Integrar a outras estratégias avaliativas que possam apresentar a contrapartida do professor sobre os processos de aprendizagem do aluno.
- Integrar a uma proposta didática que conduza o aluno à reflexão.
- Associar a práticas que priorizam o diálogo entre os participantes.
- Associar a práticas que convidam o aluno a se expressar e se expor.
- Revisar continuamente as estratégias educacionais da disciplina, a partir dos resultados da autoavaliação dos alunos.
- Desenvolver como prática que irá ajudar o aluno a aprimorar seus conhecimentos, e não como prática de punição do aluno.
- Pode ser desenvolvida nas diferentes faixas etárias, desde que adaptada aos objetivos de aprendizagem com o aluno daquela série, pensando-se nos critérios de análise adequados que ajudariam o aluno a construir a sua compreensão das aprendizagens.
- Na modalidade a distância deve ser desenvolvido um trabalho integrado do professor responsável com o tutor virtual.
- Escolher adequadamente os recursos técnicos que apoiem no desenvolvimento de atividades interativas e colaborativas.
- Dar clareza ao aluno dos critérios de avaliação da disciplina.

A maioria dos participantes neste fórum já vivenciaram práticas de autoavaliação como alunos ou como responsáveis pela condução desta prática com os seus alunos. Deste modo, foi valiosa a troca de experiência com todos.

De modo sucinto, as mensagens apontaram a necessidade de se pensar nesta prática em diálogo contínuo com o planejamento geral da disciplina, bem como, com os objetivos de ensino e aprendizagem para o aluno. Houve consenso na necessidade de se utilizar esta prática associada a outras práticas avaliativas, bem como, com atividades que possam dar suporte à construção de uma postura interativa, colaborativa e participativa do aluno. Outro aspecto apontado é a possibilidade de mudança nas relações entre professor e alunos, como parceiros nos processos educacionais, bem como, numa postura mais autônoma e libertadora do aluno.

5. Conclusão

A autoavaliação propõe uma parceria educacional com os alunos e potencializa novas dimensões perceptivas da sua aprendizagem. Enquanto o aluno realiza a autorreflexão, percebe o seu processo pessoal e torna-se mais consciente deste processo, o que potencializa o desenvolvimento da sua autonomia de aprendizagem.

No relato deste processo ao professor (representado na Tabela 5), o aluno apresenta novas pistas sobre suas conquistas e necessidades de aprendizagem, muitas vezes não previstas nas atividades práticas desenvolvidas na disciplina. Deste modo, o professor pode utilizar tais informações para planejar suas intervenções, e sugerir procedimentos capazes de colaborar para a construção dos conhecimentos pelos alunos.

A semiose apoia a discussão sobre a construção dos signos pelo indivíduo e sua ressignificação no grupo. Deste modo, a disciplina planejada como prática particular de cada turma e em construção contínua, favorece o movimento criativo, critico, concomitantemente coletivo e individual de compreensão do objeto. Para isto, o professor deve desenvolver atividades que possibilitem a participação do aluno na compreensão e construção de novas ideias e significados.

A proposta da disciplina também deve estar vinculada a conteúdos e estratégias didáticas que favoreçam a autoavaliação, não somente com enfoque à construção de conteúdos conceituais, mas também procedimentais e atitudinais. Assim, desenvolver no aluno um grau maior de autonomia para planejar e organizar seus estudos, se dedicar a eles conforme uma agenda já estabelecida, trabalhar em equipe e ser colaborativo.

Para isso, também é importante o aluno compreender a disciplina sob sua ótica e com certa autonomia para priorizar aspectos essenciais à sua aprendizagem.

Deste modo, o artigo finaliza com dois grandes desafios ao professor: 1) Pensar na autoavaliação tendo em vista a capacidade de "adequar a metodologia considerando uma proposta que intercale atividades coletivas e colaborativas e atividades para prática individual"; e 2) Aprender a utilizar adequadamente ferramentas do AVA que possam dar o alicerce necessário à representação destes objetivos.

Bibliografia

BAKTHIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: HUCITEC, 1995.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em Ciências humanase sociais, 11 ed, São Paulo: Cortez, 2010.

COLAPIETRO, V. M. Peirce´s Approach to the Self a semiotic-perspective of human subjectivity. Albany: State University of New York Press, 1989.

DESLANDES, S.F. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 31 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.

LÉVY, Pierre. “A nova relação com o saber”, In: Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 2010, pp. 159-170.

LIMA, V S; BERTOMEU, J V C; GUIMARÃES, M P. Avaliação integradora dos processos de aprendizagem do aluno. BDBCOMP - Biblioteca Digital Brasileira de Computação. (< http://www.lbd.dcc.ufmg.br/bdbcomp/servlet/Evento?id=411 >), 2012.

MACHADO, A. Intervenção na mesa redonda "Situação Atual, Tendências e Desafios da Pós-graduação em Comunicação no Brasil". VIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais, em 01/06/99 (não publicado), 1999.

MACHADO, N J. “Conhecimento como rede: a metáfora como paradigma e como processo”; In: Epistemologia e didática. São Paulo: Cortez, 1996, pp. 117-177.

MARTINS, J P. "Considerações sobre Avaliação no Ensino Superior", In: Avaliação nos Processos Educacionais. São paulo: Editora Unifesp, 2010, pp 19 – 42.

PALLOFF, R. M.; PRATT, K. O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on-line. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RANSDELL, J. "Some leading ideas of Peirce´s semiotic". Semiotica 19. 1977, pp. 157-178.

SALLES, C. "Crítica Genética e Semiótica - Uma interface possível" in Zular, R. (org.) Criação em processo - Ensaios de Crítica Genética. São Paulo: CAPES; FAPESB; Iluminuras. 2009, p. 177-201.

SANT`ANNA, I M. Porque Avaliar? Como Avaliar?: Critérios e Instrumentos. Petrópolis: Vozes, 1995.

SVINICKI, M.; MCKEACHIE, W.J. Dicas de ensino: estratégias, pesquisa e teoria para professores universitários. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

VIGOTSKY, L S. A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução: José Cipolla, Luis S M Barreto, Solange C Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZABALA, A. “A avaliação”, In: A Prática Educativa: como ensinar. Porto Alegre: ARTMED, 1998, pp. 195-221.

ZUIN, P B; REYES, C R. O ensino da Língua Materna: Dialogando com Vygotsky, Bakthin e Freire. Aparecida - SP: Idéias & Letras, 2010.